

## DUAS CARTAS MALAIAS DE THOMAS RAFFLES PARA O SULTÃO DE ACHÉM, 1811\*

*Annabel Teh Gallop*\*\*

**S**ir Thomas Stamford Raffles (1781-1826) é mais conhecido atualmente por ter fundado um acampamento inglês em Cingapura, em 1819, mas também foi um renomado estudioso dos assuntos pertinentes ao mundo malaio, durante seus quase vinte anos de permanência no Sudeste Asiático, a serviço da Companhia Inglesa das Índias Orientais. O primeiro posto de Raffles foi Penang e Malaca e, mais tarde, serviu em Java e Bengkulu, na Sumatra, até que retornou à Inglaterra em 1824. Seu monumental trabalho *The History of Java*, publicado em 1817, fez sua fama e lhe garantiu o título de cavaleiro.

Raffles chegou ao Sudeste Asiático em 1805, como secretário-assistente do governo da Ilha do Príncipe de Gales (como Penang era

---

\* Outra versão deste artigo foi preparada para publicação em um livro em homenagem ao Professor Ahmat Adam, que trabalhou extensivamente com as correspondências malaias de Raffles, depositadas na Biblioteca Britânica, e as publicou recentemente. Ahmat Adam, *Letters of Sincerity: The Raffles Collection of Malay Letters (1780-1824), A Descriptive Account with Notes and Translation*, Kuala Lumpur: Malaysian Branch of the Royal Asiatic Society (Monograph; 43), 2009. Tradução de Ana Carolina Oliveira Pinto.

Este artigo não poderia ter sido escrito sem a generosidade de João José Reis, Irina Katkova e Flavio Gomes, a quem muito devo. Pelos comentários em versões anteriores deste artigo, sou muito grata a João José Reis e John Bastin. Também gostaria de agradecer, pela ajuda em questões mais específicas, a Ian Proudfoot, Jan van der Putten e Suryadi, por informações sobre assuntos malaios; Christopher Buyers, sobre genealogia da rainha mãe; Jorge dos Santos Alves, sobre Manuel da Silveira; Thomas Del Mar, sobre armas europeias; e Peter Abrahams, sobre binóculos e telescópios. Quaisquer erros são de minha total e única responsabilidade.

\*\* Annabel Teh Gallop é curadora para Indonésia e Malásia no Departamento Asiático da Biblioteca Britânica, em Londres.

então conhecida); em 1811, tornou-se vice-governador de Java. Mas o grande salto da carreira de Raffles ocorreu no contexto das Guerras Napoleônicas na Europa, quando chamou a atenção de lorde Minto, o governador-geral inglês de Bengala, durante uma visita a Calcutá, em 1810. Impressionado com a habilidade, o entusiasmo e o conhecimento de Raffles sobre o mundo malaio, lorde Minto o nomeou “agente do governador-geral nos estados malaios”. Sua missão secreta era fazer os preparativos para uma invasão inglesa a Java, que, naquela época, estava ocupada por forças franco-holandesas leais a Napoleão. Em dezembro de 1810, Raffles chegou a Malaca e, imediatamente, iniciou um forte movimento de “diplomacia epistolar”, despachando cartas formais e presentes para os governantes dos estados malaios vizinhos, na tentativa de ganhar o apoio deles para a empreitada inglesa e, quando possível, também obter assistência prática para a guerra na forma de homens, barcos e suprimentos. A maioria das cartas régias malaias enviadas a Raffles em Malaca sobreviveram para compor a Coleção da Família Raffles, que foi formalmente adquirida pela Biblioteca Britânica (*British Library*), em 2007.

Estão apresentadas neste artigo duas cartas em malaio, enviadas por Raffles de Malaca para o sultão de Achém<sup>1</sup> (figura1) e para a rainha-mãe de Achém (figura 2), em 12 e 14 de abril de 1811, respectivamente.

Não é surpresa que estas duas cartas tenham reaparecido somente agora, já que estavam – fora de qualquer contexto do mundo malaio – no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) no Rio de Janeiro. Elas puderam ser agora aqui publicadas, graças à curiosidade intelectual e à generosidade acadêmica de uma grande rede de estudiosos. As cartas foram inicialmente descobertas por João José Reis, da Universidade Federal da Bahia, que as encontrou, em 2001 ou 2002, no IHGB, durante sua pesquisa sobre uma rebelião de escravos muçulmanos acontecida na Bahia em 1835.<sup>2</sup> As cartas malaias tinham sido catalogadas juntamente com manuscritos escritos em árabe, contendo preces e amuletos, capturados dos rebeldes na sua maioria africanos, escravos e libertos do oeste da

---

<sup>1</sup> NT: em indonésio, *Aceh*. Achém é um território indonésio, localizado na ponta setentrional da Ilha de Sumatra.

<sup>2</sup> João José Reis, *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos males em 1835*, São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

África, falantes de iorubá, conhecidos como nagôs no Brasil. Os nagôs islamizados eram os malês. Pois bem, aqueles documentos foram descritos, bizarramente, como *Textos em hebraico oferecidos ao IHGB pelo sócio correspondente da Bahia João Antônio de Sampaio Viana, em 1839*. Vianna era um juiz do Cível na Bahia, que morreu em 1856. Na carta de doação que escreveu para o IHGB, informou que estava enviando

um alfabeto do idioma siamês, e vários outros manuscritos asiáticos, onde se acham várias cartas escritas por alguns Potentados da Ásia aos agentes do governo inglês em Calcutá, e noutras possessões britânicas, formando 23 peças avulsas.<sup>3</sup>

O professor Reis fotografou as cartas e passou-as a um colega russo que trabalhava, na época, com manuscritos islâmicos oeste-africanos, Nikolay Dobronravin, da Universidade de São Petersburgo, que, por sua vez, consultou Irina Katkova, uma colega estudiosa de malaio e javanês, que, então, identificou as cartas como sendo malaia e de Raffles. Quando Irina me contou sobre a nova descoberta, eu a informei da conexão com a Coleção da Família Raffles na Biblioteca Britânica, que compreendia a correspondência malaia de Raffles, quando de sua estadia em Malaca, em 1811. Em maio de 2008, Irina me enviou as fotografias disponíveis e, muito generosamente, me convidou a trabalhar nelas. Infelizmente, apesar de as imagens disponíveis serem suficientes para identificar os nomes do remetente e do destinatário, não eram nítidas o bastante para permitir a leitura do texto completo. Pelos próximos dois anos, fiz inúmeras tentativas, sem sucesso, de obter fotografias diretamente do IHGB e, somente quando finalmente consegui fazer contato por e-mail com João José Reis (graças a William Clarence-Smith), algum progresso foi feito. João Reis conseguiu a ajuda de Flavio dos Santos Gomes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que, gentil e pessoalmente, fez o pedido das fotografias ao IHGB, e depois as enviou para mim. As fotografias chegaram em outubro de 2010, e pude então começar a preparar este artigo.

Quantos outros tesouros escondidos como esses poderiam vir à

---

<sup>3</sup> Reis, *Rebelião escrava no Brasil*, p. 198.

tona se todo pesquisador, trabalhando nos arquivos, ao esbarrar casualmente com documentos em línguas estranhas, em lugares onde sabe que dificilmente tais documentos serão encontrados por alguém que trabalhe com o assunto, se desse ao trabalho, como neste caso, de investir seu tempo espalhando a notícia de sua descoberta!

## Achém e os britânicos em 1811

As relações de Achém com os britânicos, no início do século XIX, têm sido tema de estudo detalhado e, portanto, só serão delineadas aqui.<sup>4</sup> Naquele momento, o sultão de Achém era Alauddin Jauhar al-Alam Syah (c.1795-1823). Quando jovem, ele serviu em um navio da Companhia das Índias Orientais, o *Nonsuch*, e lá adquiriu gosto pela gente e pelos modos europeus. Como ainda era menor de idade no momento da morte do pai, o sultão Alauddin Muhammad Syah (1781-1795), o período de regência foi chefiado pelo irmão de sua mãe, até que o jovem sultão pudesse assumir o trono de Achém, em 1802. O poder de Jauhar al-Alam Syah sobre Achém era fraco, com muita dissidência entre os chefes mais poderosos, oposição de seu tio Tuanku Raja (que foi finalmente derrotado em 1805), e ainda intrigas fomentadas por sua mãe, que continuava a ser uma força dominante em Achém. Diante do que vinha acontecendo nas guerras napoleônicas, as relações de Jauhar al-Alam Syah com as autoridades britânicas em Penang e Calcutá também eram preocupantes: os britânicos suspeitavam que conselheiros franceses trabalhassem para o sultão e, em 1808, um navio deste, chamado *Hydroos*, foi confiscado em Penang, por ser considerado propriedade inimiga, já que ainda estava registrado em nome do seu antigo dono dinamarquês, e a Inglaterra estava em guerra com a Dinamarca. Apesar de a carga ter sido posteriormente devolvida, o navio não foi liberado, e o apelo do sultão ao governador-geral inglês em Calcutá seguiu sem resposta.

Diante desses acontecimentos, a chegada da carta de Raffles, em

---

<sup>4</sup> Ver, especialmente, Kam Hing Lee, *The Sultanate of Aceh: Relations with the British 1760-1824*, Kuala Lumpur: Oxford University Press, 1995, no qual o resumo apresentado é baseado; ver também John Anderson, *Acheen and the Ports on the North and East Coasts of Sumatra*, Kuala Lumpur: Oxford University Press, 1971.

abril de 1811 não poderia ter sido mais bem-vinda. Durante o seu tempo a serviço do governo em Penang, Raffles tinha plena consciência das relações difíceis entre Jauhar al-Alam Syah e as autoridades britânicas em Penang e Calcutá, mas sua carta de 12 de abril de 1811 para o sultão é notável por seu tom amigável e respeitoso .

A chegada da carta de Raffles, no início de 1811, deve ter agradado Jauhar Alam Syah. Lá estava ele em Achém, incerto sobre as relações do país com os britânicos por causa do caso do *Hydroos* e de alegações de que ele estava permitindo a presença naval francesa nos portos locais. Chegou então, de forma inesperada, uma carta de um agente do governador-geral, buscando a amizade e a assistência de Achém na guerra contra os franceses. Mais do que isso, ele estava sendo informado sobre os iminentes movimentos militares britânicos na região. Jauhar Alam Syah deve ter-se sentido, portanto, bastante encorajado, já que considerava os britânicos como o real poder na região do Estreito de Malaca, e estava ansioso por receber ajuda e apoio deles.

A carta de Raffles foi escrita em linguagem educada, o que para Jauhar Alam Syah era muito diferente das cartas que tinha recebido recentemente de Penang, especialmente as relacionadas ao caso *Hydroos*. Deve ter parecido ao sultão que havia uma possibilidade de desagravo por suas queixas anteriores. Ainda mais importante, a chegada de uma carta como aquela do agente político de pessoa tão poderosa como o governador-geral da Índia poderia ajudá-lo a restaurar o próprio prestígio e reputação em Achém. Logo, pode-se presumir que, satisfeito com a carta, e imaginando que Raffles pudesse ser um instrumento na mudança de atitude da Inglaterra para com Achém, Jauhar Alam Syah foi levado a lhe conferir o título de Honorável Nobre da Espada de Ouro.<sup>5</sup> Em uma resposta rápida a Raffles, o sultão de Achém escreveu, em 27 de abril de 1811, agradecendo calorosamente pela sua carta (figura 3). Esta correspondência, juntamente com outras epístolas régias malaias, recebidas por Raffles durante sua permanência em Malaca, guardadas na Biblioteca Britânica, foram recentemente publicadas por Ahmat Adam.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Kam Hing Lee e Adam Ahmat, "Raffles' Order of the Golden Sword Reviewed", *Journal of the Malaysian Branch of the Royal Asiatic Society*, v. 58, part 2 (1990), p. 80.

<sup>6</sup> Ahmat, *Letters of Sincerity*.

## Os presentes que acompanharam as cartas

O fato de Raffles ter escrito para o sultão de Achém e as circunstâncias em torno do envio e do recebimento de sua epístola são, assim, bem conhecidos, e não há nada no conteúdo das duas cartas (reproduzidas inteiramente no Apêndice, com tradução em português) que contradiga o retrato acima pintado. O interesse está no detalhe, especialmente porque, apesar de no seu relatório oficial, de 11 de junho de 1811, para lorde Minto, descrevendo as relações com Achém, Raffles mencionar que escreveu para o sultão e anexar uma tradução da resposta deste,<sup>7</sup> não foi incluído nele o rascunho da carta enviada por Raffles.<sup>8</sup>

Na resposta do sultão a Raffles, ele conferiu a este o título Achém de *Seri Paduka Orang Kaya Berpedang Emas*, Honorável Nobre da Espada de Ouro. Essa honraria foi concretizada na forma de um medalhão de ouro (*cap*<sup>9</sup>) gravado com o título conferido, acompanhado das túnicas de honra associadas ao mesmo.<sup>10</sup> O presente agradou tanto a Raffles, que ele o incorporou a seu brasão em 1817.<sup>11</sup>

---

<sup>7</sup> O extenso relatório de Raffles para lorde Minto, de junho de 1811, que ocupa um volume inteiro da Coleção Raffles-Minto, British Library (BL doravante), MSS. Eur.F.148/7, foi publicado pela Sra. Raffles em seu *Memoir of the Life and Public Services of Sir Thomas Stamford Raffles*. Em relação a Achém, Raffles escreve: “[...] tendo razões para imaginar que um pouco de atenção para o jovem Rei seria algo agradável, escrevi a ele para informá-lo do objetivo da expedição e da intenção de Vossa Senhoria de acompanhá-lo; permita-me referi-lo ao anexo número 7, para a resposta de Vossa Majestade”. Lady Raffles, *Memoir of the Life and Public Service of Sir Thomas Stamford Raffles*, Kuala Lumpur: Oxford University Press, 1991; anexo 7, que se encontra na BL, MSS.Eur.F.148/6, ff.121-124.

<sup>8</sup> Nos relatórios de Raffles para o lorde Minto, ele normalmente anexava rascunhos de suas cartas enviadas para governantes malaios vizinhos, juntamente com a tradução das respostas (ver MSS.Eur.F.148/4, 6).

<sup>9</sup> *Cap* é a palavra malaia para selo, mas, nessa situação, é provavelmente usada para se referir tanto a medalhão gravado, parecido com um selo, dado a Raffles, quanto ao direito de usar um selo inscrito com o seu título.

<sup>10</sup> O presente é descrito, na tradução para o inglês da carta do sultão que Raffles encaminhou a lorde Minto: “Esse selo leva o nome de nossos poderosos campeões e é *acompanhado* de toda a insígnia que lhe é peculiar, um casaco de veludo, um turbante torcido de duas dobras e o resto das vestes de um poderoso campeão, e que lhe conferiram o título de Sri Paduca Orang caya berpedang mas, nome pelo qual deve ser conhecido na terra de Achi [*sic*], o país do Islã.” (MSS.Eur.F.148/6, f.124); o tradutor interpretou incorretamente o epíteto de honra de Achém, *dar al-salam*, “lar da paz”, como *dar al-Islam*, “país do Islã”.

<sup>11</sup> C. A. Gibson-Hill, “Raffles, Acheh and the Order of the Golden Sword”, *Journal of the Malaysian Branch of the Royal Asiatic Society*, v. 29, part 1 (1973), pp.1-19; Lee e Adam, “Raffles’ Order of the Golden Sword reviewed”, *Journal of the Malaysian Branch of the Royal Asiatic Society*, v. 58, part 2 (1990), pp.77-89

Três outros ingleses tinham sido antes agraciados com esse título em Achém.<sup>12</sup> O mais recente fora dado a Thomas Forrest, em 1784, que ficou tão satisfeito com o prêmio que mandou fazer uma gravura dele, usando o *cap* – mostrado na figura como dois medalhões ovais, amarrados um sobre o outro, em uma cadeira, estando o inferior gravado com uma espada e o superior inscrito, nos dois lados, em malaio, com escrita Jawi:<sup>13</sup> *Inilah cap dikurnia di bandar Aceh dar al-salam / dari sahbandar Aceh kepada Kapitan Toma Fores*, “Este é o selo dado no porto de Achém, lar da paz/ pelo mestre portuário de Achém para o Capitão Thomas Forrest”.<sup>14</sup> No brasão de Raffles, assim como no seu *ex libris*, o medalhão oval duplo é mostrado no quadrante esquerdo superior, e aparece com a forma idêntica ao usado por Forrest, com uma inscrição acima e uma espada de lâmina curva abaixo (figura 4).<sup>15</sup>

Lee e Ahmat supõem que essa honraria “também foi provavelmente dada em troca de presentes [que o sultão] já recebera de Raffles, possivelmente alguns barris de pólvora e algumas armas de fogo”.<sup>16</sup> Essa suposição foi, presumivelmente, baseada em precedentes anteriores: ao final de sua missão oficial de Bengala a Achém, em julho de 1810, David Campbell presenteou Jauhar al-‘Alam Syah com trinta mosquetes e uma quantidade de pólvora,<sup>17</sup> e, em fevereiro de 1811, lorde Minto escreveu ao sultão de Achém, informando-o de que um presente de cem mosquetes ingleses seriam entregues em Achém.<sup>18</sup> Armamentos e vestes – às vezes de origem europeia, porém mais comumente indiana – eram na verdade presentes amiúde recebidos de oficiais da Companhia das Índias Orientais pelos governantes e dignitários do Sudeste Asiático.

---

<sup>12</sup> Gibson-Hill, “Raffles”, p.4.

<sup>13</sup> N. T.: Jawi é um alfabeto arábico, adaptado para escrever a língua malaia.

<sup>14</sup> Thomas Forrest, *Voyage from Calcutta to the Mergui Archipelago*, Londres: J.Robson, 1792, prefácio.

<sup>15</sup> Apesar de ilegível no *ex libris*, a partir de um desenho do brasão de Raffles de V.R. Easthope. Thomas Raffles, *Sir Thomas Stamford Raffles: Book of Days*, Singapore: Antiques of the Orient, 1993, p.8: a inscrição Jawi pode ser lida *Seri Paduka Orang Kaya Berpedang Mas Tomas Rafles, Sultan Alauddin Jauhar al-Alam Syah Johan Berdaulat*. Essa inscrição, apesar de diferente da presente no *cap* de Forrest, é plausível; no entanto, a fonte dela não é citada por Easthope.

<sup>16</sup> Lee e Ahmat, “Raffles”, p. 78.

<sup>17</sup> Lee, *The Sultanate of Aceh*, p.140.

<sup>18</sup> Lee, *The Sultanate of Aceh*, p. 144.

Diante disso, talvez a revelação mais interessante a surgir das cartas recém-descobertas é que o presente de Raffles para o sultão de Achém foi, em comparação, excepcionalmente personalizado e luxuoso – uma espada cravejada de joias e um par de telescópios:

[...] *tiadalah apa yang dipesertakan dalamnya cinta kasih daripada beta hanyalah ada suatu pedang intan pakaian buatan Eropah beta taruhkan di dalam satu peti warna emas yang kecil, dan ada sepasang teropong buatan Eropah, boleh sahabat terima dengan putih hati tiada dengan sepertinya, karena beta ada suka sahabat beta pula pakai sendiri, jadi serupa saudara dengan beta antara sahabat beta yang amat berkasih-kasihian 'ala al-dawam.*

[...] não há outra prova para confirmar a minha afeição senão uma espada de diamantes usada e confeccionada na Europa, que coloquei dentro de uma pequena caixa colorida a ouro, juntamente com um par de telescópios<sup>19</sup> de fabricação europeia. Que meu amigo receba-os com o coração puro, apesar de não serem o que deveriam ser, porque eu gostaria que meu amigo os usasse ele próprio, de maneira que meu amigo e eu nos tornássemos irmãos amados, para todo o sempre.

Mas que tipo de espada era essa *pedang intan pakaian buatan Eropah*? O termo *pakaian buatan* é um tanto estranho, já que a palavra *pakaian*, que se refere a modo de uso, deve ser normalmente seguida por um pronome pessoal (por exemplo, *keris panjang pakaian kita*, “um longo keris para meu próprio uso”),<sup>20</sup> ou pela referência a um grupo genérico de usuários (*tombak sepasang sampak emas pakaian orang Melayu*, “um par de lanças com capa de ouro, como usado pelos

---

<sup>19</sup> Minha impressão inicial era de que Raffles presenteara com um par de binóculos, mas uma lembrança ao acaso, feita por Thomas Del Mar, me alertou para o fato de que binóculos ainda eram muito raros. De acordo com Peter Abrahams, um especialista na história de dispositivos óticos, “um binóculo seria item muito pouco usual nessa época, já que imagino que apenas algumas dúzias estavam em uso na Europa. Presentear com dois telescópios decorados parece mais provável. No entanto, nunca um par de elegantes telescópios encaixotados. Há antiguidades comumente encontradas em pares, como pistolas, mas não telescópios (de meu conhecimento)”. Comunicação pessoal, 21.12.2010. A favor deste último cenário, no entanto, há um rascunho inglês de uma carta de Raffles para o sultão de Pontianak, datada de 2 de maio de 1811, em que o presente é descrito como “2 pares de telescópios ornamentados europeus”. MSS.Eur.F.148/6, f.43r.

<sup>20</sup> Presente mencionado em uma carta de Raja Ali de Pedas para Raffles, 12 de março de 1811. Annabel Teh Gallop, *The Legacy of the Malay Letter. Warisan warkah Malay*. Londres: British Library for the National Archives of Malaysia, 1994, p. 214; acessado via MCP, em 29.12.2010.

malaios”).<sup>21</sup> Portanto, *pedang intan pakaian buatan Eropah* poderia ser interpretado como “uma espada de diamantes do tipo usado e confeccionado na Europa”. Outra possibilidade de interpretação do termo *pakaian* – que também pode significar “vestimenta” – é que o mesmo tenha sido usado para um tipo de espada europeia chamada “florete”,<sup>22</sup> que estava na moda do final do século XVII até o início do XVIII.<sup>23</sup>

Qualquer que fosse o significado preciso de *pakaian* nesse contexto linguístico, pela descrição “espada de diamante” – interpretada como uma espada com punho cravejado de diamantes – o presente em questão era mais provavelmente um florete. De acordo com Thomas Del Mar, um especialista em armas europeias, “floreteres caros dessa época eram em alguns momentos presenteados em caixas de couro com o exterior ornamentado e folheado a ouro”,<sup>24</sup> o que está em consonância com o comentário de Raffles de que ele colocou a espada em uma “pequena caixa colorida a ouro”.

Deve-se chamar a atenção para o fato de que espadas cravejadas de diamantes eram extremamente caras e raras nessa época:

[...] havia poucas espadas como essas e eu imaginaria que permanecessem com seus donos, ao invés de ficarem circulando como outras espadas de menor valor [...] Pelo que me lembro, as espadas cravejadas de diamantes dessa época teriam sido fabricadas para apresentações para a realeza, bem como líderes militares e navais.<sup>25</sup>

Uma possibilidade que deve ser considerada, portanto, é se a espada presentada por Raffles era cravejada de imitações de diamantes

---

<sup>21</sup> Presente mencionado em uma carta do sultão de Kedah para lorde Minto, 23 de dezembro de 1810. Gallop, *The Legacy of the Malay Letter*, p. 210.

<sup>22</sup> N.T.: em inglês, *dress sword*, *dress*, podendo ser traduzido como “para vestir”.

<sup>23</sup> Em 15 de novembro de 1820, William Farquhar, então residente em Cingapura, escreveu para Sayid Zain de Pulau Lawan, na Sumatra, enviando como presentes *pedang pakaian sebilah dan cermin mata dua* (Haji Salleh Badriyah, *Warkah al-ikhlas 1818-1821*, Kuala Lumpur: Dewan Bahasa dan Pustak, 1999, p.189), o que poderia ser entendido como “um florete e dois [pares de] óculos”, acessado via MCP em 1.12.2010.

<sup>24</sup> Comunicação pessoal eletrônica, 20.12.2010.

<sup>25</sup> “Eu acho que George IV tinha uma espada como essa, e outra foi presentada a Collingwood e Northesk após a batalha de Trafalgar. Os que ficaram famosos por vender espadas como essa foram Rundell, Bridge & Rundell (em 1787, como Rundell & Bridge, e depois que se juntaram ao sobrinho de Rundell, em 1803, para se tornarem RB&R até meados de 1834)”. Thomas Del Mar, comunicação pessoal eletrônica, 20.12.2010.

feitas de vidro ou massa vítrea. Esse tipo de espada feita com massa vítrea (ver exemplo na figura 5) era muito mais comum e custava cerca de um décimo do valor de uma espada de diamantes verdadeiros. É evidente, assim mesmo, que muito cuidado fora tomado para descrever corretamente os presentes: o recipiente para a espada foi descrito, inicialmente, como “uma pequena caixa de ouro” (*satu peti emas yang kecil*), mas o escrivão depois adicionou, acima da linha, a palavra “colorida” (*warna*), corrigindo assim qualquer possível interpretação de que a caixa pudesse ser de puro ouro. Por extensão, é improvável que a espada fosse descrita como “espada de diamante” (*pedang intan*), se os diamantes não fossem verdadeiros; além disso, como Del Mar sugere, o valor de uma espada como aquela variava substancialmente, dependendo da quantidade de pedras utilizadas.

Independentemente do número preciso de diamantes da espada, o que fica claro é que, no contexto das trocas diplomáticas da época e do lugar, os presentes de Raffles para Jauhar al-Alam Syah não eram itens padronizados, mas que tinham, sim, sido escolhidos com cuidado para transmitir uma expressão especial de amizade. A resposta do sultão – a Ordem da Espada de Ouro – pode ser vista como uma retribuição ao presente de Raffles, tanto em espírito, como uma rara honraria a um amigo estimado, como, mais interessantemente, em gênero: uma espada dourada em troca de uma espada de diamante.

Oito anos depois, Raffles e Jauhar al-Alam Syah se encontrariam em Achém. Em 22 de abril de 1819, um Tratado de Amizade e Aliança foi assinado entre a Companhia Inglesa das Índias Orientais e Achém, no qual os britânicos reconheciam Jauhar al-Alam Syah como o legítimo sultão de Achém, contra as aspirações de seu rival, Saif al-Alam. Raffles tinha sido enviado para Achém pelo governador-geral de Bengala, lorde Hastings, com o dever de arbitrar objetivamente entre os dois reclamantes ao trono. No entanto, oponentes de Raffles alegaram que o resultado era tendencioso em favor de Jauhar al-Alam Syah, baseado na longa relação construída a partir dessa troca inicial de cartas e honrarias.<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> Lee, *The Sultanate of Aceh*, pp. 273-297; Gibson-Hill, “Raffles”, pp. 16-18.

## A rainha-mãe de Achém

Outra grande surpresa que emergiu da descoberta dessa correspondência foi a existência de uma segunda carta, que Raffles enviou diretamente à rainha-mãe de Achém.

A mãe de Jauhar al-Alam Syah, Pocut Meurah di Awan, era filha do Maharaja Lambui, que esteve brevemente no trono de Achém, em 1764, como sultão Badr al-Din Johan Syah.<sup>27</sup> Após a morte do marido, o sultão Alauddin Muhammad Syah, em 1795,<sup>28</sup> ela começou a exercer um papel poderoso na política de Achém, permanecendo como fonte de poder por trás do trono ao longo de todo o reinado de Jauhar al-Alam Syah, e ainda viveu mais que seu filho. Meurah di Awan ficou ao lado do irmão, ao invés de apoiar seu próprio filho, durante o longo período de regência e, de acordo com um relato de Achém, somente transferiu seu apoio ao filho quando soube que Tuanku Raja pretendia matar o jovem príncipe.<sup>29</sup> Ela conseguiu a ajuda do poderoso Teuku Kali Malikun Ade, ajuda esta que provou ser decisiva no conflito encerrado com a vitória de Jauhar al-Alam Syah, em 1805. Quando o sultão foi forçado a sair da capital, em 1808, e firmou residência em Teluk Semawai, a rainha-mãe o acompanhou, apesar de o resto da família real ter ficado para trás,<sup>30</sup> e foi lá que receberam as cartas de Raffles em 1811.

Em outubro de 1814, Jauhar al-Alam Syah foi destronado pelos três poderosos chefes de Achém, os *Panglima Sagi*. A rainha-mãe parece ter tido o papel de pivô – embora involuntário – nesse episódio, já que, de acordo com um relato, foi ela quem convocou os *Panglima Sagi* para a capital, temendo que os britânicos estivessem prestes a atacar Achém. Ao invés disso, os *Panglima Sagi* tiveram a chance de derrubar o sultão e ainda se voltaram contra a rainha-mãe. O ataque deles ao palácio real falhou, pois ela se manteve ali firme, mas depois fugiu para pedir.<sup>31</sup> Quando

---

<sup>27</sup> Mohammad H.Said, *Aceh Sepanjang Abad*, Medan: Waspada, 1961, p. 434.

<sup>28</sup> Havia rumores de que seu marido – que tinha somente 35 anos no momento da morte – tinha sido envenenado e que ela estaria envolvida; ela também tinha sido acusada de ter formado uma “relação imprópria” com um homem de Malabar, que tinha originalmente sido apresentado ao sultão como escravo do raja de Travancore. Lee, *The Sultanate of Aceh*, p. 115.

<sup>29</sup> Lee, *The Sultanate of Aceh*, p. 119.

<sup>30</sup> Lee, *The Sultanate of Aceh*, p.135.

<sup>31</sup> Lee, *The Sultanate of Aceh*, pp. 194, 216.

o sultão navegou até Penang, no final de 1815, para pedir ajuda aos britânicos para recuperar o trono, não lhe foi permitido desembarcar, mas foi consentido à rainha-mãe chegar até a costa, onde ela alugou uma casa,<sup>32</sup> e esse pode ter sido o caminho pelo qual o sultão pôde ganhar o apoio de vários mercadores chineses de Penang. Jauhar al-Alam Syah nunca reconquistou a posse da capital de Achém, apesar de, nos últimos três anos de seu reinado, sua base ter sido uma fortificação paliçádica na sua periferia. “Em contraste com Jauhar al-Alam, a rainha-mãe parece ter engendrado uma reconciliação política com os *Panglima Sagis*, e, mais uma vez, conseguiu ter alguma influência na capital”.<sup>33</sup> Após a morte de Jauhar al-Alam Syah, em 1 de dezembro de 1823, apesar de ele ter deixado um testamento nomeando seu filho Abdul Muhammad como sucessor, a rainha-mãe conseguiu instalar no trono um outro filho dele, de mãe diferente, Tengku Daud, a quem ela tinha criado,<sup>34</sup> que então reinou como sultão Alauddin Muhammad Syah (1824-1838).

Além de seu poder político em Achém, por mais de três décadas, a rainha-mãe também parece ter sido uma fonte de conhecimento das leis do país, pois, em 9 de setembro de 1820, Jauhar al-Alam enviou a Penang uma série de papéis com informações sobre comércio, tributos e deveres de Achém, incluindo um intitulado “Este é um relato [de tributos e obrigações] feito pelo Rei Alaeddin Johor Oolalum Shah obtido por inquiritos de Sua Mãe, a Rainha Viúva”.<sup>35</sup>

Mesmo naquele estágio relativamente inicial do reinado de Jauhar al-Alam, Raffles estava muito ciente do papel central da rainha-mãe nos negócios, como ele mesmo escreveu para o lorde Minto em seu relatório de junho de 1811: “O jovem rei de Achém não é de modo algum deficiente em suas habilidades gerais, mas foi propositalmente privado de uma educação apropriada por sua mãe, que tem no país influência ainda maior que ele próprio”.<sup>36</sup> Portanto, a carta de Raffles

---

<sup>32</sup> Lee, *The Sultanate of Aceh*, p. 231.

<sup>33</sup> Lee, *The Sultanate of Aceh*, p. 301.

<sup>34</sup> Lee, *The Sultanate of Aceh*, p. 306.

<sup>35</sup> Lee, *The Sultanate of Aceh*, p. 150.

<sup>36</sup> Lady Raffles, *Memoir of the Life*, pp. 56-67.

destinada a ela pessoalmente, chamando-a para discutir a chegada iminente de lorde Minto a Malaca e o próximo ataque a Java com seu filho, e também a convidando para ir a Malaca – assegurando-a da presença de adequada companhia feminina nas pessoas de sua esposa e suas irmãs<sup>37</sup> – realmente mostra o “valor adicional” que Raffles incorporou à sua diplomacia no mundo malaio, através do seu vasto interesse e compreensão da natureza do poder nos diferentes estados malaios.

## Aspectos formais das cartas: escritões e selos

Constituindo raros exemplos de cartas malaias originais escritas por Raffles, merecem comentário os aspectos relacionados à forma e à codicologia dessas duas epístolas.

Nenhuma das cartas é decorada. Isso é notável, já que é sabido de relatos de Munsyi Abdullah que quando Raffles chegou a Malaca, em dezembro de 1810, trouxe consigo papéis ornamentados para escrever aos governantes malaios.<sup>38</sup> As outras três cartas malaias originais sobreviventes de Raffles, enviadas de Malaca a Palembang e datadas de 5 e 15 de dezembro de 1810 e 13 janeiro de 1811,<sup>39</sup> estão todas escritas em papel indiano decorado com iluminuras, mas pode ser que, em meados de abril de 1811, o estoque de papel iluminado já tivesse acabado. No entanto, as cartas a Achém foram escritas com muito cuidado e técnica, com caligrafia aumentada da primeira e da última linhas da carta e com o cabeçalho no topo da página. Logo, mesmo tendo sido usada uma paleta monocromática, as cartas são visualmente impactantes.

A carta ao sultão é mais elaboradamente decorada do que a en-

---

<sup>37</sup> Dois dias após a chegada de Lorde Minto a Malaca, em 18 de maio, ele notificou em uma carta que “Raffles tem três irmãs aqui, todas muito alvas, uma muito bonita e as outras duas não diferentes”. John Bastin, *John Leyden and Thomas Stamford Raffles*, Eastbourne: Imprensa pelo autor, 2003, p. 57.

<sup>38</sup> *Bermula maka adalah dibawanya ... kertas membuat surat kepada raja Melayu yang telah tertulis dengan bunga emas dan perak*, “Ele trouxe com ele ... papel para escrever aos governantes malaios, já decorados com padrões dourados e prateados”. Amin Sweeney, *Karya lengkap Abdullah bin Abdul Kadir Munsyi. Jilid , Hikayat Abdullah*, Jakarta: Kepustakaan Populer Gramedia, 2008, p. 291.

<sup>39</sup> John Bastin, *Palembang in 1811 and 1812 (Part 2)*, Bijdragen tot de Taal-, Land- en Volkenkunde, 110 (1), 1954, pp. 84-88.

viada à rainha mãe, o que reflete o respectivo *status* dos dois destinatários. Na carta do sultão, uma moldura de linha dupla de tinta foi desenhada ao redor da margem externa do papel, e uma segunda moldura pontilhada, contendo um padrão em ziguezague, circundava o bloco de texto. Em ambas as cartas, a primeira e a última linhas estão escritas em negrito e ajustadas caligraficamente dentro de um bloco retangular, mas a primeira linha da carta para o sultão foi ajustada em um padrão elaborado com forma hemisférica, ornamentado com arremates nas pontas e nas depressões. Esta forma de decoração caligráfica, que usa pontos para preencher os espaços ao redor das letras, lembra o estilo *jâlî* de caligrafia dos escrivães das cortes otomana e safávida, que usavam pequenas marcas em forma de “v” para preencher as linhas de cartas e decretos formais.

Da distinta escrita à mão, pequena, arredondada e limpa, fica imediatamente claro que ambas as cartas foram redigidas por Ibrahim, escrivão-chefe de Raffles que o acompanhou de Penang a Malaca.<sup>40</sup> Sua letra é bem conhecida de documentos presentes na Coleção da Família Raffles, assim como de manuscritos malaio que ele copiou para Raffles.

Cada carta tem dois selos, situados um sobre o outro à direita do início da primeira linha. O superior, um selo redondo em tinta vermelha, pertence a lorde Minto e leva uma inscrição em arábico, que diz *Maharaja Gurnur Jenral Benggala*, “Maharaja Governador-Geral de Bengala”.<sup>41</sup> Esse selo era regularmente usado por Raffles na sua correspondência malaia em Malaca, na sua função de “Agente do Governador-Geral nos Estados Malaios”, e é encontrado em uma proclamação na Coleção da Família Raffles,<sup>42</sup> assim como nas três cartas enviadas a Palembang. O estilo quase *nasta’liq* da caligrafia e a guirlanda folhada pouco usual na borda sugerem que esse selo foi provavelmente trazido de Calcutá, e não feito em Malaca.

O segundo selo, localizado abaixo do primeiro, feito com cera vermelha, é o próprio de Raffles; tem estilo europeu, gravado com tema

---

<sup>40</sup> Ibrahim bin Kandu (1780) era malaio de Chulia, descendente de Kedah. Teh Gallop, *The Legacy of the Malay Letter*.

<sup>41</sup> Annabel Teh Gallop, *Malay Seal Inscriptions: A Study in Islamic Epigraphy from Southeast Asia* (Tese de Doutorado, University of London, 2002), p. 263.

<sup>42</sup> MSS.Eur.D.742/1, f.133.

heráldico. Apesar do evidente interesse de Raffles por todos os aspectos da cultura malaia, e do fato de que era prática comum de funcionários da Companhia Britânica das Índias Orientais usarem selos inscritos em persa, é um pouco intrigante descobrir que não há evidências de que Raffles tivesse usado um selo em estilo malaio, inscrito em árabe, durante todo o seu tempo de serviço no Sudeste Asiático. Todos os documentos conhecidos, selados por Raffles, têm um selo padrão, em estilo europeu de cera vermelha, e o mesmo acontece nessas duas cartas.

## De Achém para o Brasil

Mas, finalmente, como essas cartas vieram parar no Brasil? Não há dúvidas de que todas as cartas foram seguramente enviadas ao sultão; ele escreveu em resposta a Raffles duas semanas depois, em 27 de abril, citando o recebimento da carta enviada por intermédio do capitão Kingsmill. As cartas foram, portanto, levadas ao Brasil posteriormente.

Na ausência de qualquer outra informação, a atenção deve recair, inevitavelmente, sobre um brasileiro que era um dos conselheiros mais próximos de Jauhar al-Alam Syah: Carlos Manuel da Silveira,<sup>43</sup> que esteve em Achém de 1808 a 1816. Ele é mencionado frequentemente em relatos britânicos de Achém, invariavelmente com termos hostis. No relatório de Raffles para o lorde Minto de junho de 1811, citado acima, ele faz uma avaliação do conselheiro do sultão:

Essa circunstância [referindo-se à educação imprópria durante o crescimento do Sultão, devido à influência sobrepujante de sua mãe] colocou o príncipe, em grande medida, nas mãos de meia dúzia de mestiços portugueses e franceses; essas são pessoas de pouca habilidade ou influência; o mais importante deles é L'Etoile, um mestiço nativo de Tranquebar, que é seu conselheiro-chefe, e Silveira, um brasileiro, anteriormente ligado ao comércio em Macau, mas que se refugiou em Achém, ou mesmo Talesimo [também conhecido como Teluk Semawai], ao declarar falência. O primeiro desses não é de forma alguma desafeto dos ingle-

---

<sup>43</sup> Referido em algumas fontes como “Carlos de Silva”. Kam Hing Lee, “Foreigners in the Achehese Court, 1760-1819”, *Journal of the Malaysian Branch of the Royal Asiatic Society*, v. 43, n.1 (1970), pp. 64-86; Lee, *The Sultanate of Aceh*, 1995.

ses; o segundo é um decidido e inveterado inimigo, e suspeito de ser um agente francês. Permitir que ele resida no território de Achém deve invariavelmente ser considerado prova de injúria aos interesses ingleses, já que a sua remoção seria muito fácil, pois algumas de suas últimas atitudes têm sido muito ofensivas ao Rei.<sup>44</sup>

É, porém, estranho que Raffles tivesse dirigido tantas críticas a Silveira, já que essa opinião injuriosa não foi transmitida pelos dois funcionários ingleses que visitaram Achém naquela época. Em 1810, David Campbell foi enviado a Achém para se assegurar da extensão de qualquer cumplicidade com os franceses. Conheceu o sultão em Teluk Semawai, acompanhado por L'Etoile e Silveira, e reportou na volta, em julho de 1810, que os receios não tinham qualquer fundamento. O governo de Penang não se convenceu e, no ano seguinte, enviou I. Lawrence, o tradutor malaio, para Achém; ele também chegou à mesma conclusão em seu relatório de 12 de agosto de 1811:

Não tenho razões para crer que o Rei esteja pessoalmente ligado aos franceses ou não é amigável ao governo britânico [...], nem concebo que as pessoas de sua confiança, Messrs L'Etoile e De Silva, tenham alguma predileção pessoal por franceses ou ingleses.<sup>45</sup>

Mais informações sobre Silveira estão disponíveis em fontes portuguesas, especialmente sobre suas atividades em Macau. Seu papel em uma planejada negociação de ópio foi detalhado em um artigo em português de Jorge dos Santos Alves,<sup>46</sup> que gentilmente providenciou o resumo a seguir sobre a carreira de Silveira no Sudeste Asiático:

Carlos Manuel da Silveira nasceu em Cachoeira, na Bahia, por volta de 1780. Ele muito provavelmente era filho ilegítimo de Dom Bernardo José Maria da Silveira e Lorena, quinto Conde de Sarzedas (morto no Rio de Janeiro em 1818), que estava prestes a se tornar Vice-Rei do *Estado da Índia* (1807-1816). Carlos Manuel da Silveira chegou a Macau em 1796.

---

<sup>44</sup> Lady Raffles, *Memoir of the Life and Public Service of Sir Thomas Stamford Raffles*, Kuala Lumpur: Oxford University Press, 1991, p. 57.

<sup>45</sup> Lee, "Foreigners in the Achehnese Court", p. 77.

<sup>46</sup> Jorge Manuel dos Santos Alves, "O triângulo Madeira/Achém/Macau, um projecto transoceânico de comércio de ópio (1808-1816)", *Archipel*, n. 56 (1998), pp. 43-70.

Ele logo se juntou ao círculo mercantil macauense, beneficiando-se de sua parceria com o rico e influente Manuel Homem de Carvalho. Silveira investiu no comércio com diversos portos malaio, com Achém especialmente. Sua primeira visita a Achém foi em 1808, e ele regularmente visitava a cidade portuária, até 1816. Silveira esteve muito envolvido nas rotas de comércio entre Macau e as Ilhas Maurício. Achém era uma escala essencial nessa rota de comércio para conseguir escravos para vender nas Ilhas Maurício. Em 1816, Silveira também servia ao Sultão Alauddin Jauhar al-'Alam Syah, de Achém, como conselheiro da marinha de guerra. Mas Silveira ficou famoso após seu ambicioso plano de transformar Achém em um grande centro distribuidor de ópio (produzido na Ilha da Madeira) para o Sudeste Asiático, e especialmente para a China, passando por Macau. Esse plano megalomaniaco falhou, e Silveira levou suas esperanças e seu capital para o comércio com o Sião [atual Tailândia]. Ele foi escolhido para ser o primeiro cônsul português em Bangkok em 1819. Permaneceu em Sião até 1826. Desse momento em diante, desaparece do meu radar em Macau ou no Sudeste Asiático, mas acho que vi uma referência nos documentos de seu retorno ao Brasil.<sup>47</sup>

Há uma possibilidade de que Silveira possa ter tido algum envolvimento em questões de chancelaria em Achém, incluindo a correspondência com Raffles. Quando Jauhar al-Alam Syah respondeu à carta de Raffles em malaio, ele também anexou cópia de uma carta em português enviada ao lorde Minto, em dezembro de 1810, da qual ele ainda não tivera resposta (figura 6). Como Silveira era o português mais próximo do sultão, ele pode ter participado da elaboração ou até mesmo escrito a carta. Todo o resto é, necessariamente, especulação, mas é concebível que Silveira levasse consigo as cartas de Raffles quando saiu de Achém, em algum momento depois de 1816, e as trouxesse com ele para a sua terra, a Bahia, onde elas passaram para as mãos de João Antônio de Sampaio Viana, que as enviou para o IHGB no Rio, em 1839.

---

<sup>47</sup> Jorge dos Santos Alves, comunicação eletrônica pessoal, 18.11.2010.

## Apêndice: textos malaios e traduções para o português<sup>48</sup>

Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), Rio de Janeiro, Brazil. Localização DA 3, 2, 13 “Textos em hebraico oferecidos ao IHGB pelo sócio correspondente d Bahia João Antônio de Sampaio Viana em 1839”.

Os seguintes símbolos editoriais foram usados na transliteração:

[maka] leitura provável;

(maka) texto adicionado pelo editor;

{maka} texto que o editor acredita que possa ser ignorado;

<maka> texto inserido sobre a linha.

Pontuação e parágrafos foram adicionados onde julgados apropriados. Palavras que tenham sido caligraficamente grifadas em negrito nas cartas malaias estão indicadas em negrito na transliteração. Na carta ao sultão (A), as palavras em negrito, em alguns pontos ao longo do texto, funcionam como marcadores de parágrafo, indicando o início de uma nova seção e, portanto, no texto romanizado não foi introduzido o parágrafo.

**A Carta de T.S. Raffles escrita em Malaca para o sultão de Achém, Jauhar al-Alam Syah, 18 Rabiulawal 1226 (12 de abril de 1811).**

*Qawluhu al-haqq ‘ala al-dawam*

*Warkat al-ikhlas wa-tuhfat al-ajnas yang dipesertakan dalamnya tulus dan ikhlas serta suci putih hati yang tiada berhingga dan bermasa selagi ada peridaran matahari dan bulan ‘ala al-dawam, iaitu daripada seri paduka Tamas Rafles Eskuir yang besar di dalam perintah negeri kompeni Inggeris, bahwa ia ganti paduka seri maharaja Gilbetelet Lard Minto yang dipertuan besar yang maha mulia Gurnur Jenral raja segala daerah negeri Benggala dan Hindustan dan Keling dan Surat dan Gujerat dan Mahalangka dan pada segala tanah Turkestan negeri yang besar<sup>49</sup> yang ada takluk di bawah bendera raja*

<sup>48</sup> NT: A tradução para o português foi feita a partir da tradução em inglês do original malaio pela autora do artigo.

<sup>49</sup> O número ‘2’ que aparece ao longo do texto é uma característica da gramática malaia e significa duplicação de palavras para fins específicos, por exemplo, para dar ênfase ou fazer um plural.



Figura 1. Cartas de T.S. Raffles escrita em Malaca para o Sultão de Achém,, Jauhar al-Alam Syah, 12 de abril de 1811. IHGB, DA 3, 2, 13.

*maha besar negeri Inggeris yang maha mulia, besar daripada sekalian raja2 yang di bawah perintah raja Inggeris lain, daripada negeri Eropah Inggeris. Bahwa adalah beta ini menjadi ganti seri maharaja Gurnur Jenral Benggala yang tersebut di atas syatar ini, maka ia menyuruhkan beta memeriksai dan men[j]jalani<sup>50</sup> pada segala raja2 yang besar2 pada segala negeri buldan timur sekaliannya iaitu daripada hal daripada jalan sahabat-bersahabat yang baik di atas jalan menolongi dan membaiki daripada barang sesuatu hal ihwal sukar sakitnya, istimewa pulak daripada hal daripada jalan kelabaan daripada perniagaan antara kompeni Inggeris dengan segala raja2 yang besar2, dari yang demikian apa yang telah terbuat oleh beta daripada barang sesuatu ihwal kepada segala raja2 melainkan yang pekerjaan seri maharaja Gurnur Jenral Benggal{a}lah, tiadalah terubah lagi daripada sekalian perkaranya. **Syahdan** daripada itu maka beta pun mehadiahkan sepucuk warkat al-ikhlas ini ke hadapan majlis sahabat beta yang maha mulia paduka seri Sultan zill Allah fi al-‘alam duli yang dipertuan yang mempunyai tahta kerajaan di atas singgasana semayam di dalam negeri bandar Aceh dar al-salam serta dengan segala daerahnya timur dan barat. **Syahdan** ialah yang bangsawan dan dermawan serta arifbijaksana daripada melakukan tadbirnya dan perintah atas sekalian yang tersebut yang termaklum miskinnya istimewa pulak daripada sahabat-bersahabat yang kekal, maka yang demikian termasyhurlah kepada sekalian buldan akan asma yang ihsan serta barang bertambah2 jua kiranya martabat kebesaran dan kemuliaannya serta berlanjutan umur zamannya amin ya mujibi al-sa’ilin. **Amma ba‘dahu** kemundian daripada itu maka adalah beta melayangkan warkat yang abid<sup>51</sup> ini akan jadi ganti diri beta dan lidah beta berkata2 dengan sahabat beta daripada membayangkan dalamnya **ihwal** beta maklumkan maka sekarang ini beta mehadiahkan sepucuk surat lagi kepada sahabat beta berkhabarkan pasal Gurnur Jenral Benggala datang dengan kerasnya dan segeranya di dalam negeri timur, mau berhimpun sekalian raja2 dan orang besar2 di dalam negeri Malaca, mau melanggar ke tanah Jawa. Maka hendaklah diketahui perintah negeri Muris<sup>52</sup>*

---

<sup>50</sup> A letra *jim* está sem o ponto inferior.

<sup>51</sup> a.b.y.d, árabe, puro, branco.

<sup>52</sup> m.w.r.y.s, em referência às Ilhas Maurício.

sudah dialahkan oleh Inggeris dengan mudahnya sahaja. **Syahdan** dari hal itulah Inggeris mau habiskan sekalian perintah Holandis dan Perancis di dalam sekalian tanah timur ini, boleh tinggal kompeni Inggeris sahaja sama dengan sekalian raja2 Melayu buldan timur ini. Maka dari seri maharaja Gurnur Jenral Benggala hendak berjumpa sama dengan sahabat beta dengan segeranya, mau bicarakan sekalian pasal tolongan dan sahabat-bersahabat dengan sahabat beta, daripada itulah beta kirimkan surat ini dari dalam tangan satu orang yang duduk dahulu di bawah perintah sahabat beta, minta sahabat beta datang sendiri ke Malaca mau berjumpa dengan seri maharaja Gurnur Jenral Benggala serta dengan gurnur Pulau Pinang dan dengan sekalian orang besar2 yang di bawah perintah raja maha besar negeri Inggeris yang maha mulia. **Syahdan** lagi dari dahulu apabila masa beta tinggal di Pulau Pinang maka beta sudah ketahui sekalian susah dan sakitan sahabat beta dan negeri Aceh, dari hal itu apabila beta sudah sampai ke negeri Benggala maka beta khabarkan kepada seri maharaja Gur(nur) Jenral Benggala sekalian pasal itu. Maka oleh seri maharaja Gurnur Jenral Benggala mau kasih tolong seperti kehendak sahabat beta karena daripada masa dahulu kala kepada zaman marhum2 yang mangkat di Aceh dahulu2 pun ada sahabat betul sama dengan kompeni Inggeris, dari sebab itu seri maharaja Gurnur Jenral Benggala mau kasih tolong ke negeri Aceh. **Syahdan** lagi kepada pasal kapitan Kingsmil yang membawa surat ini beta sudah khabarkan kepada ia sekalian kehendakan beta, ia boleh bicarakan dengan sahabat beta sekalian pasal itu, karena sekarang ini sekalian kapal perang berlayar dengan segeranya mau langgar tanah Jawa, boleh sahabat beta datang di dalam kapal sahabat beta sendiri, apabila sampai di Malaca jikalau sahabat beta ada suka mau berlayar ke tanah Jawa boleh naik di dalam satu kapal perang yang besar yang sudah sedia, dan jikalau sahabat beta ada suka mau pulang ke negeri Aceh adalah sudah sedia satu kapal perang di dalam sahabat beta punya hukum sendiri. **Syahdan** lagi maka adalah sekarang ini belum lagi beta memberi suatu kiriman tanda kasih daripada beta karena pekerjaan ini terlebih besar daripada dahulu kala, maka apabila berjumpalah sahabat beta antara seri maharaja Gurnur Jenral Benggala apa juga maksud sahabat beta dan apa juga maksud seri maharaja Gurnur Jenral Benggala beta tiada boleh kata di atas

sukanya antara sahabat beta. **Syahdan** dari hal beta ada ketahui dari dahulu sekalian perkara perintah sahabat beta dan beta pun banyak suka di atas sahabat beta, maka beta menjalani kepada sekalian perkara yang tersebut di atas syatar ini. Kemudian daripada itu tiadalah apa yang dipesertakan dalamnya cinta kasih daripada beta hanyalah ada suatu pedang intan pakaian buatan Eropah beta taruhkan di dalam satu peti <warna> emas yang kecil, dan ada sepasang teropong buatan Eropah, boleh sahabat terima dengan putih hati tiada dengan sepertinya, karena beta ada suka sahabat beta pula pakai sendiri, jadi serupa saudara dengan beta antara sahabat beta yang amat berkasih-kasihian 'ala al-dawam. Kemudian daripada itu barang bertambah2 juga kiranya menjadi saudara betul antara beta dengan sahabat beta.

**Termaktub warkat yang kabir di dalam kota negeri Malaca kepada delapan belas hari bulan Rabiulawal pada hijrat nabi seribu dua ratus dua puluh enam tahun dal akhir wa-tamat al-kalam ya ...<sup>53</sup>.**

[assinado] Tho[mas]. *Raffles Agente do Governador-Geral dos Estados Malaios*

Tradução para o português:

A Sua Palavra é a Verdade para toda a eternidade.

Uma carta sincera e um presente diversificado, acompanhados por honestidade e sinceridade, e um puro coração branco que não conhece fim ou limite, enquanto o sol e a lua girarem, por toda a eternidade, isto é, por sua honra, Thomas Raffles Esquire, que pertence ao alto escalão na administração de territórios da Companhia Inglesa, que representa o Maharaja, Gilbert Elliot Lorde Minto, o supremo comandante Sua Excelência o Governador-Geral, que governa os territórios de Bengala e Hindustão e Keling e Surat e Gujerat e Mahalangka<sup>54</sup> e todo o Turquistão,<sup>55</sup> os grandes territórios que se submeteram à bandeira de Sua Majestade o Rei da Inglaterra, que é maior que todos os outros reis das terras governadas pelo Rei inglês, que é do país da Inglaterra na Europa.

---

<sup>53</sup> *Ya al-umam*[?], 'O nações'[?].

<sup>54</sup> i.e. Sri Lanka

<sup>55</sup> N.T.: Turquistão é a região da Ásia Central que tem como limite norte a atual Sibéria, ao sul Tibet, Índia, Afeganistão e Irã; o Deserto de Gobi ao leste e o Mar Cáspio a oeste.

Estou atuando em nome do Honorável Maharaja Governador-Geral de Bengala, mencionado na parte superior desta carta, pois ele me instruiu a procurar e contatar todos os grandes governantes desses países orientais para formar alianças de amizade, para que possamos nos ajudar em quaisquer provações ou atribuições, especialmente em matéria de lucratividade do comércio entre a Companhia Inglesa e esses grandes governantes, e o que quer que eu negocie com esses governantes é como se o próprio Maharaja, Governador-Geral de Bengala, o estivesse fazendo, não haverá nenhuma diferença.

Por conta disso, estou remetendo esta sincera epístola para o meu amigo Sua Majestade o Sultão, a sombra de Deus no mundo, o grande rei que possui os reinos da soberania e está sentado no trono real e que mora no porto de Achém, morada da paz, com todos os seus territórios a leste e a oeste. Pois ele é nobre e generoso, assim como inteligente e sábio em administrar e governar seus já mencionados territórios e os necessitados, e notável por sua constância na amizade com seus aliados e, portanto, a fama de seu nome benevolente chegou a todas as terras, e que a reunião de suas grandezas e de suas glórias cresça e que ele viva longamente, amém. Oh! Ele que responde a quem O solicita.

Depois disso, a razão pela qual estou enviando esta pia epístola em lugar de minha pessoa, ou de minha língua em conversação com meus amigos, é comunicar essa notícia: que eu estou enviando outra carta<sup>56</sup> ao amigo, informando-o de que o Governador-Geral de Bengala está vindo com força e velocidade para essas terras orientais, e gostaria de reunir todos os governantes e nobres de Malaca, para lançar um ataque a Java. E que fique claro que a terra [Ilhas] Maurício foi derrotada pelos ingleses muito facilmente.<sup>57</sup> Portanto, os ingleses querem varrer a dominação francesa e holandesa dessas terras orientais, deixando somente a Companhia Inglesa junto aos governantes malaios dessas terras orientais. E o Honorável Maharaja Governador-Geral de Bengala

---

<sup>56</sup> Apesar de estar dito no texto “outra carta”, não há mais nada no conteúdo desta carta que sugira que Raffles tenha escrito previamente para o sultão de Achém.

<sup>57</sup> O governador francês das Ilhas Maurício se rendeu a Charles Decaen e aos britânicos em 3 de dezembro de 1810.

quer encontrar o meu amigo o mais rápido possível para discutir todas as questões de ajuda e amizade mútua com meu amigo. E, portanto, estou enviando esta carta nas mãos de alguém que vivia sob o governo de meu amigo, para requisitar que meu amigo venha pessoalmente a Malaca conhecer o Honorável Maharaja Governador-Geral de Bengala, e o Governador de Pulau Pinang, e outros oficiais de alto escalão de Sua Majestade, o Rei da Inglaterra.

Além disso, quando morei em Pulau Pinang, tomei total consciência das privações e das atribulações que rodeiam meu amigo e Achém e, portanto, quando fui a Bengala informei o Honorável Maharaja, Governador-Geral de Bengala, sobre esses assuntos. O Honorável Maharaja, Governador-Geral de Bengala, então concordou em dar a ajuda solicitada pelo amigo, pois desde os tempos antigos e por todos os reinados de todos os reis de Achém sempre houve uma amizade firme com a Companhia Inglesa, e é por isso que o Honorável Maharaja Governador-Geral de Bengala decidiu ajudar Achém.

Sobre o capitão Kingsmill,<sup>58</sup> que leva esta carta, eu o informei de minhas intenções, e ele pode conduzir discussões sobre todos esses assuntos com o amigo. Como neste momento, todos os navios de guerra estão prestes a zarpar para o lançamento do ataque a Java, o amigo deve navegar em seu próprio navio, mas, se ao chegar a Malaca, o amigo quiser navegar até Java, ele pode embarcar em um desses grandes navios de guerra que estão prontos para zarpar, mas se o amigo preferir retornar a Achém, há um navio de guerra pronto que ficará sob o seu próprio comando.

Além disso, eu ainda não pude enviar nenhum *souvenir* meu porque a minha carga atual de trabalho está maior do que antes. Mas quando o amigo se encontrar com o Honorável Maharaja, Governador-Geral de Bengala, o que quer que o amigo deseje e o que quer que o Honorável Maharaja, Governador-Geral de Bengala, deseje, não é para o meu julgamento, só depende do amigo. Porque eu conheço, há algum tempo, os negócios do amigo, e por causa da minha afeição pelo amigo, é por isso que fiz tudo o que está descrito acima nessa folha de papel.

---

<sup>58</sup> Nenhuma informação biográfica sobre o Capitão Kingsmill pode ser rastreada.

Após isso, não há outra prova para confirmar a minha afeição senão uma espada de diamantes, usada e confeccionada na Europa, que coloquei dentro de uma pequena caixa colorida a ouro, juntamente com um par de telescópios de fabricação europeia. Que meu amigo os receba com o coração puro, apesar de não serem o que deveriam ser, porque gostaria que meu amigo os usasse ele próprio, de maneira que meu amigo e eu nos tornássemos irmãos amados, para todo o sempre. E que os laços de irmandade entre o amigo e eu cresçam sempre mais fortes.

Esta ilustre carta foi escrita no Forte de Malaca, no 18° dia de Rabiulawal no ano da migração do profeta 1206, no ano *dal akhir*, o fim da escrita, O nações [?].

[assinado:] Tho[mas]. Raffles ,Agente do Governador- Geral dos Estados malaios

**B. Carta de T.S. Raffles escrita em Malaca para a Raja Perempuan de Achém, mãe do Sultão Johar al-‘Alam Syah, 20æ% dia de Rabiulawal 1226 (14 de abril de 1811).**

*Qawluhu al-haqq*

*Warkat al-ikhlas wa-tuhfat al-ajnas yang dipesertakan dalamnya tulus dan ikhlas serta suci putih hati yang tiada berhingga dan bermasa selagi ada peridaran matahari dan bulan ‘ala al-dawam, iaitu daripada seri paduka Tamas Rafles Eskuir yang besar di dalam perintah negeri kompeni Inggeris, bahwa ia ganti daripada seri paduka maharaja Gilbetelet Lard Minto, yang dipertuan besar yang maha mulia Gurnur Jenral raja pada segala daerah negeri Benggala dan Hindustan dan Keling dan Surat Guzerat dan Mahalangka dan pada sekalian tanah Turkestan negeri yang besar2 yang ada takluk di bawah bendera raja maha besar negeri Inggeris yang maha mulia besar daripada segala raja2 lain daripada negeri Iropah Inggeris. Bahwa ia menyuruhkan beta menjalani dan memeriksa pada segala raja2 yang besar2 pada segala negeri daerah buldan timur daripada hal daripada jalan sahabat-bersahabat istimewa pulak daripada jalan kelabaan daripada segala perniagaan antara kompeni Inggeris sama dengan sekalian raja2 yang besar2 negeri timur. Hal daripada itu maka beta pun mehadiahkan sepucuk surat ini ke hadapan majlis sahabat beta yang maha mulia maharaja seri paduka Raja Perempuan iaitu bunda paduka seri Sultan yang mempunyai tahta kerajaan semayam di atas singgasana di dalam negeri bandar Aceh dar al-salam serta dengan segala daerahnya dengan limpah makmur pada segala dagang miskin serta arif bijaksana pada melakukan tadbirnya yang lemah lembut pada segala sahabat handai yang gharib dan ba‘id.*

*Wa-ba‘dahu kemundian dari itu beta maklumkan ihwal maka adalah beta sudah berkirim surat kepada Sultan Aceh memberi khabarkan sekalian pasal dari hal seri maharaja Gurnur Jenral Benggala ada datang dengan kerasnya mau melanggar ke tanah Jawa serta membawak kapal perang terlalu banyak, maka sekalian itu dahulu ia mau datang berkampung di dalam negeri Malaca. Syahdan dari hal itu inilah beta berkirim surat ini kepada sahabat beta mengatakan sekalian pasal itu sebab beta ada banyak kasih kepada Sultan boleh sahabat beta bicarakan*



Figura 2. Carta de T.S. Raffles escrita em Malada para Raja Perempuan de Achém, mãe do sultão Jauhar al-'Alam Syah, datada de 14 de abril de 1811. IHGB, DA 3, 2, 13.

baik2 dengan Sultan, karena seri maharaja Gurnur Jenral Benggala mau datang ke negeri Malaca, maka beta banyak suka Sultan mau datang sendiri ke negeri Malaca berjumpa sama dengan seri maharaja Gurnur Jenral Benggala. Maka apabila Sultan sudah berjumpa sendiri dengan seri maharaja gurnur jendral Benggala, apa juga maksud Sultan pada ketika itu seri maharaja Gurnur Jenral Benggala boleh tolong apa yang sakit sukar atas jalan kebajikan kepada Sultan, jangan lagi susah serta dengan sekalian isi negeri Aceh itu. Syahdan lagi jikalau sahabat beta ada suka mau datang bersama2 dengan Sultan ke negeri Malaca, ada isteri beta dan ada saudara beta perempuan dua tiga orang, ia terlebih suka mau sambut sahabat beta dengan seperti adat raja serta dengan hormat mulianya, bawa masuk di dalam satu rumah yang baik, tinggal bagaimana seperti adat raja yang besar2 ikut bagaimana seperti kehendak sahabat beta bersuka-sukaan, karena bagaimana beta antara Sultan jadi seperti separuh saudara betul, jangan lagi sahabat beta menaruh syak di dalam hati bagaimana sahabat beta pandang Sultan demikianlah beta antara sahabat beta.

Kemundian daripada itu tiadalah apa yang dipesertakan dalamnya tulus ikhlas cinta kasih daripada beta hanyalah ada sedikit tiada dengan sepertinya terlayang ke hadapan sahabat beta yang maha mulia, kain sal pasmir<sup>59</sup> kuning sehelai dan kain sal pasmir kelabu kepala benang emas sehelai, boleh sahabat beta terima akan barang2 gunanya, ihwal itulah adanya 'ala al-dawam.

**Termaktub warkat ini di dalam kota negeri Malaca kepada dua puluh hari bulan Rabiulawal kepada sanat 1226. [assinado:] Tho. Raffles, Agente do Governador- Geral dos Estados malaios.**

Tradução para o português:

Sua Palavra é a Verdade.

---

<sup>59</sup> f.s.m.y.r; iniciais *fa* provavelmente são *qaf*, i.e. 'Kashmir'.



Figura 3. A resposta do sultão Alauddin Jauhar al-Alam Syah de Achém para Raffles, 27 de abril de 1811. BL, MSS.Eur.D.742/1, f.44.

Uma carta sincera e um presente diverso, acompanhados por honestidade e sinceridade e um puro coração branco, que não conhece fim ou limite, enquanto o sol e a lua girarem, por toda a eternidade, isto é, por sua honra, Thomas Raffles, Esquire, que pertence ao alto escalão na administração de territórios da Companhia Inglesa, que representa o Maharaja Gilbert Elliot Lorde Minto, o supremo comandante Sua Excelência Governador- Geral, que governa os territórios de Bengala e Hindustão e Keling e Surat e Gujerat e Mahalangka e todo o Turquistão, os grandes territórios que se submeteram à bandeira de Sua Majestade o Rei da Inglaterra, que é maior que todos os outros reis das terras governadas pelo Rei inglês, que é do país da Inglaterra na Europa.

Ele me instruiu a contatar e questionar todos os grandes governantes desses países orientais sobre questões de amizade e aliança, especialmente no que concerne à lucratividade do comércio entre a Companhia Inglesa e esses grandes governantes dessas terras orientais. E é por esta razão que estou enviando esta carta à presença da amiga Sua Majestade a Rainha, ou seja, a mãe de Sua Majestade o Sultão, que possui os reinos da soberania, e está sentado no trono real do porto de Achém, morada da paz, e todos os seus territórios, a que dispensa prosperidade em abundância entre os comerciantes e os pobres, e que em sua sabedoria e aprendizado administra sensível e gentilmente todos os seus amigos e colegas locais e estrangeiros.

Após isso, estou informando-a do fato de que enviei uma carta ao Sultão de Achém, comunicando-o que o Honorável Maharaja Governador-Geral de Bengala, que está vindo com força para lançar um ataque à terra de Java, acompanhado de incontáveis navios de guerra, e que está planejando montar acampamento em Malaca inicialmente. Portanto, a razão pela qual envio esta carta para a amiga falando sobre essas questões é por causa da minha grande afeição pelo Sultão, na esperança de que a amiga discuta o assunto cuidadosamente com o Sultão. Pois o Honorável Maharaja, Governador-Geral de Bengala, está vindo a Malaca, e eu gostaria muito que o próprio Sultão viesse a Malaca para conhecer o Honorável Maharaja, Governador-Geral de Bengala. Pois, uma vez que o Sultão se tiver encontrado pessoalmente com o Honorável Maharaja, Governador-Geral de Bengala, o que quer que o Sultão solicite, nessa ocasião, o Honorável Maharaja, Governador-Geral de Ben-



Figura 4. Ex libris de Raffles, contendo seu brasão, com detalhe aumentado da Ordem da Espada de Ouro. BL, Or. 15939.

gala, poderá dar a ele assistência em quaisquer provações e atribuições, que estejam rondando seu caminho para a prosperidade, não sendo mais necessário que nem o Sultão nem o povo de Achém sofram.

Além disso, se a amiga quiser vir e acompanhar o Sultão a Malaca, minha esposa está aqui e também duas ou três de minhas irmãs, elas ficariam encantadas em receber a amiga com toda a honra e cerimônia devida, de acordo com o seu estado de realeza, e a acomodariam em um local apropriado, onde seria tratada com os mais altos costumes reais, onde tudo estaria exatamente conforme seus desejos e com o seu conforto, já que entre mim e o Sultão é como se fossemos quase verdadeiros irmãos. Então, por favor, não tenha mais nenhuma dúvida no coração, pois assim como são seus sentimentos pelo Sultão, são os meus sentimentos por você.

Após isso, não há nada para acompanhar a minha afeição sincera e o meu amor, a não ser esse pequeno presente que não é o que eu deveria estar enviando à presença de minha mais honorável amiga, a saber, um xale de *cashmere* amarelo e um xale de *cashmere* cinza com borda trançada de ouro, que a amiga os aceite e que tenham algum uso; e então este é o fim, até toda a eternidade.

Esta carta foi escrita no forte de Malaca no 20º dia de Rabiulawal do ano 1226.

[assinado:] Tho[mas]. Raffles, Agente do Governador- Geral dos Estados malaios